

Pistas acerca da constituição subjetiva da autoestima das mulheres negras no território brasileiro

Fernando da Silva Mancebo¹

Victória Rosa da Silva²

Waldenilson Teixeira Ramos³

Enzo Teixeira Soares Marinho⁴

Resumo

O presente estudo propõe investigar os efeitos do racismo estrutural e da herança colonial na constituição subjetiva da população negra no território nacional. Por meio desta investigação, buscou-se fomentar um saber que contribua para a possibilidade de uma apropriação epistemológica que permita ao negro construir e tomar um discurso sobre si mesmo, ensejando, por sua vez, a potência da negritude. Para isso, empregou-se o método da revisão de literatura de obras que dialoguem com a questão relatada. Tomando como referência central o legado epistêmico de Neusa Santos, foram analisadas as marcas históricas, éticas e políticas que moldam a emocionalidade e a autoestima das mulheres negras brasileiras, destacando o cenário onde se encontra um discurso calcado no tensionamento do Eu em relação a um Ideal Branco inalcançável e adoecedor. Sobre esse contexto, coloca-se em análise o discurso colonial e como este produz sofrimento a determinado grupo social, impondo posição de “não lugar” ou diferença assimétrica, reforçando uma estrutura que enfatiza a supremacia branca e mantendo uma dinâmica social de ônus para muitos e bônus para outros.

Palavras-Chave: Autoestima; Feminilidade; Psicanálise; Negritude; Decolonialidade.

1. Introdução

A Lei n.º 3.335, popularmente conhecida como “Lei Áurea”, foi assinada em maio de 1888, estabelecendo, juridicamente, o fim da escravidão no Brasil. Apesar disso, por décadas, pouquíssimos esforços foram feitos para reparar os profundos danos causados por séculos de subjugação da população negra no território nacional. Pelo contrário, deixados “livres”, os negros tiveram de encontrar meios para sobreviver em uma sociedade que de forma alguma buscava acolhê-los.

¹ Graduando de Psicologia; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; fernandomancebo@id.uff.br

² Graduada de Psicologia; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; virosapsi@gmail.com.

³ Mestrando de Psicologia; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; waldenilsonramos@id.uff.br.

⁴ Graduando de Psicologia; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; enzo.teixeira2005@gmail.com.

A partir desse contexto histórico, Neusa Santos Souza (2021) em seu livro *Tornar-se Negro* demonstra os efeitos sociológicos e psicológicos que tal processo gerou na constituição do negro brasileiro. Segundo a autora, seguindo tal desenrolar de eventos, o branco tinha sido sempre tomado como referência universal, modelo de um “dever-ser”, o que levaria a população negra à submissão e desapropriação de si a partir de um processo de instauração de um ideal inalcançável.

Essa marcação simbólica estabelece um mecanismo cruel que introduz na psique do negro uma cristalização de sentidos, que o colocam sempre em uma posição de “não lugar”, forjando um discurso racista que mina as condições de possibilidade para que uma autoestima, enquanto um reconhecimento e apropriação de si como Sujeito, possa ser consolidada e fomentada. Tal cenário agrava-se, principalmente, quando falamos das mulheres negras, as quais são atravessadas também pelo machismo e pelo falocentrismo.

Lélia Gonzalez (2019), referência brasileira nos debates de gênero e raça, explicita que as raízes da interseccionalidade entre racismo e sexismo na cultura brasileira foram produzidas no período colonial, no qual a mucama, a mulher negra escravizada, exercia um forte efeito sobre a vida familiar dominante por ocupar funções domésticas e, principalmente, sexuais. No entanto, na tentativa de ocultar tal passado constitutivo, ainda é possível enxergar os seus efeitos na contemporaneidade, onde a mulher negra tem sua potência diminuída e, por conseguinte, sua autoestima inibida pelas heranças de um esquecimento.

Sobre essa analítica, presentifica-se o significante “negro” enxertado de sentidos coloniais, produzindo um rastro de subalternização que ronda e espreita a experiência e a vida da população negra, especialmente na história do território nacional. Isso porque, como indica Cida Bento (2022), não temos um problema negro no Brasil e sim na relação entre negros e brancos, em que relações de dominação de um grupo sobre o outro são mantidas através de um certo pacto da branquitude, que legitima uma supremacia branca.

Dessa maneira, há privilégios garantidos para uns, enquanto péssimas condições de vida – ou morte – material e psíquica são impostas a outros sob a insígnia de que “nunca foi diferente”. Nisso, um pacto narcísico é criado e reforçado, restando a nós a construção de estratégias coletivas para quebrá-lo (Bento, 2022).

É sobre este horizonte que se insere este trabalho, tomando como questão/problema nodal a produção de subjetividades negras, não para reafirmar a imposição colonial, mas, fundamentalmente, para apontar as tarefas e insurgências tão necessárias para a sobrevivência

e luta negra. A proposta, aqui, é entrelaçar os sentidos de luta e sobrevivência, força e potência, saúde e vida.

2. Implicação de desejo

Pretende-se com o presente manuscrito fomentar uma compreensão sobre a constituição subjetiva da população negra no território brasileiro, sobretudo, acerca das mulheres negras, destacando marcações históricas, éticas e políticas que incidem sobre a constituição da autoestima nesses sujeitos. Tomando como central em sua concepção uma análise da obra de Neusa Santos (2021), o texto busca apontar as heranças de um passado colonial, cujas raízes, fruto da dominação racial, mostram-se presentes tanto na produção de subjetividade da população negra quanto em sua constituição emocional.

Segundo Neusa, “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.” (Souza, 2021, p. 45).

Desse modo, este manuscrito denuncia os efeitos produzidos pelo mito de que ao negro cabe apenas a posição de subalterno. Tais efeitos tornam-se nítidos no movimento subjetivo de inscrição do discurso do dominador, levando o sujeito negro a ver-se e a falar de si pela ótica colonial. Buscamos, assim, contribuir para a possibilidade de uma apropriação epistemológica que permita ao negro construir e tomar um discurso sobre si mesmo, ensejando, por sua vez, a potência da negritude.

3. Trilhas e rastros

A presente produção textual surge como resultado das discussões promovidas nos encontros do Coletivo Autônomo de Produção Acadêmica da Universidade Federal Fluminense durante o ano de 2024. Tal grupo se debruça sobre os estudos acerca da perspectiva da transdisciplinaridade, que busca romper com fronteiras supostamente demarcadas de diversas áreas do conhecimento.

Assim, com o intuito de fomentar um pensamento crítico e fundamentar a formação psi, a qual urge por uma qualificação múltipla, escapando de modelos teóricos excludentes, os participantes buscam se engajar em diversos saberes, desde Psicanálise, até Filosofia, Estudos de Gênero, dentre outros. Discussões recentes se têm embasado em autores decoloniais que

buscam fugir e criar a partir do ponto cego de autores europeus, os quais não entendiam a colonialidade como estrutura fundamental para a reiteração dos discursos hegemônicos nas sociedades do sul (Santos; Meneses, 2009).

Desse modo, já conduzidos pela prática da leitura e da reflexão conceitual, optamos pelo emprego do método da revisão de literatura de obras psicanalíticas tanto tradicionais, a partir do fundador da Psicanálise, quanto contemporâneas, tomando como central a obra de Neusa Santos (Souza, 2021) como forma de sistematizar as ideias produzidas em nossos encontros e levantar o debate contemporâneo acerca da negritude e da feminilidade.

4. O ideal e a falta: operações discursivas de subjetivação

Há muito a se dizer sobre o que estrutura nossa sociedade e, do mesmo modo, são inesgotáveis as discussões acerca da construção e da manutenção das diferenças dos sexos e das raças no território brasileiro e na história. Assim, tomamos como ponto de partida, portanto, a noção de que vivemos sob uma cultura patriarcal conduzida pela colonialidade para a elaboração da revisão aqui proposta.

Nesse sentido, qualquer construção teórica, por mais bem-vinda e complementar que seja, não é conclusiva, principalmente se não se referir à realidade emergente em um tempo e em um território. Mesmo assim, acreditamos que os estudos psicanalíticos têm muito a contribuir e, mesmo que tenham sido pensados em outra sociedade em uma determinada época, podem nos ajudar a refletir acerca dos processos de produção da subjetividade que se dão hoje em nosso país.

Em 1914, Sigmund Freud (2010), fundador da Psicanálise, publicou seu texto intitulado *Introdução ao Narcisismo*, no qual discorria sobre o narcisismo primário como inerente ao desenvolvimento humano, e a travessia por essa etapa da vida é importante para uma inserção social. A partir dessa noção, o psicanalista conceituava uma distinção entre o Eu Ideal, vislumbrado profundamente ainda no período narcísico, e o Ideal do Eu, o qual irá se instaurar com essa passagem, a partir de uma internalização das expectativas e convenções culturais que incidirão sobre a criança (Freud, 2010).

Essa travessia é marcada fundamentalmente por conflitos entre as exigências do Id e as repressões impostas, primeiramente, pelas figuras parentais. Inseridas socialmente, estas figuras carregam os ideais morais e culturais que serão internalizados pelo Sujeito com o fim de manter

a relação com seus familiares, formando, assim, o Ideal do Eu a ser almejado. Nesse sentido, o autor afirma:

Pois a incitação a formar o ideal do Eu, cuja tutela foi confiada à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública) (Freud, 2010, p. 29).

Neusa Santos, psicanalista referência nos aspectos sociológicos e psicológicos da negritude, parte de tais conceituações freudianas para então questionar: “E o negro?” (Souza, 2021). Segundo a autora, o negro, inserido em um contexto histórico de escravização, colonização e racismo, tem seu desenvolvimento atravessado por ideais morais e culturais que farão emergir um Ideal do Eu branco:

O figurino é branco, em seus diversos matizes. Aqui branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem-sucedido. Noutro momento, branco é rico, inteligente, poderoso. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido. Escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se (Souza, 2021, p. 65).

Tal formação, por sua vez, terá consequências psíquicas devastadoras, já que, tomado por um ideal impossível de ser conquistado, ou possível apenas parcialmente na medida em que se renuncia a qualquer relação com a negritude, o negro vive um constante “dever-ser” branco. Com isso, a autora afirma:

Sentimentos de culpa e inferioridade, insegurança e angústia atormentam aqueles cujo Ego caiu em desgraça diante do Superego. A distância entre o ideal e o possível cria um fosso vivido com efeito de autodesvalorização, timidez, retraimento e ansiedade fóbica (Souza, 2021, p. 73).

A autoestima das mulheres negras, portanto, estará diretamente relacionada com o processo de constituição do Sujeito, uma vez que essa emocionalidade provocada fará com que tais sentimentos impeçam um reconhecimento e apropriação de si em sua potência. E, por sua vez, a presente noção é demonstrada por meio de uma das entrevistadas na tese de Neusa:

[...] falava comigo mesma, me achava muito feia, me identificava como uma menina negra, diferente: não tinha nenhuma menina como eu. Todas as meninas tinham o cabelo liso, o nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato. Depois eu fui sentindo que aquele negócio de olhar no espelho era uma coisa ruim. Um dia eu me percebi com medo de mim no espelho! Tive uma crise de pavor. Foi terrível. Fiquei um tempo grande assim: não podia me olhar no espelho com medo de reviver aquela sensação (Souza, 2021, p. 66).

A entrevistada, uma mulher negra, em sua fala, destaca a incidência de um Ideal do Eu branco que, ao tensionar a relação entre o atual e o “esperado”, em um “dever-ser”, produz sentimentos de inferioridade e inadequação, alterando, inclusive, a própria percepção estética

do corpo do Sujeito. O espelho se torna uma ameaça ao evidenciar a disparidade entre o Ideal e o “concreto”. Concreto esse, que, por sua vez, já se explicita na relação com o Ideal, e, por isso, não há a possibilidade de um reconhecimento e apropriação de si enquanto beleza real e potente no decurso de manutenção dessa relação.

Não obstante, outra autora psicanalista que também nos dá pistas para compreender tal processo de inviabilização das mulheres negras na tomada de um discurso positivo sobre si, conversando com Neusa Santos (Souza, 2021), é Isildinha Baptista Nogueira (2021) em sua obra *A cor do Inconsciente*. Neste manuscrito, a autora nos propõe a pensar o corpo negro tendo em vista o passado de desumanização dessas corporeidades.

Sendo assim, há uma elaboração das marcas da cor ao nível inconsciente, em que o “ser negro” passa a ser designado pela branquitude como um signo que remete a posições sociais inferiores e também a aspectos biológicos, supostamente, de menor valor que os dos brancos; impondo ao sujeito negro um desejo imaginário de ser como o branco (Nogueira, 2021). Diante desse cenário, a luta pela construção de uma autoestima para as mulheres negras perpassa a desconstrução das imagens e representações negativas do corpo negro que foram inscritas pela cultura e mecanismos micropolíticos e interpessoais.

No entanto, essa luta encontra no social, principalmente no contexto brasileiro, uma tentativa de camuflagem do racismo, tornando esse fenômeno social um fantasma que ronda a existência dos negros, sem que sejam assumidas as consequências práticas que o racismo causa à constituição subjetiva desses sujeitos. Nesse sentido, Nogueira (2021) nos diz que há um desejo de embranquecimento, imposto pelo racismo, que acaba permeando a relação do sujeito consigo, fazendo com que deseje o desaparecimento de seu corpo.

A partir disso, há a construção de um movimento psíquico de autodesprezo e até autodegradação, havendo um aprisionamento nesse lugar imaginário que produz uma necessidade de constante aprovação por parte dos brancos, mesmo que isso signifique a deformação do corpo físico ou a fuga de suas raízes ancestrais. Essa dinâmica pode ser exemplificada com o caso de uma das pacientes atendidas por Nogueira (2021), Máira, uma mulher negra, a qual sempre tivera muita vergonha de si, uma vez que fora criada em um meio no qual a busca pela brancura era o único fim possível para ela.

Tal processo a levou a construir uma visão negativa da figura negra, ou seja, de sua figura e de seus familiares, de modo a temer apresentar seu noivo, um homem branco e estrangeiro, aos seus familiares por eles não falarem inglês como “qualquer pessoa civilizada”.

Inclusive, chegando a passar por um processo de emagrecimento extremo diante da má reação da família de seu noivo por ser uma mulher negra, o que lhe provocou intensa angústia.

Ademais, Isildinha nos diz que Maíra não tinha amizades por temer não ser branca o suficiente para se relacionar devidamente e, ainda, não tinha amigos negros, pois eles não correspondiam minimamente aos seus requisitos de “brancura”, estando sempre associados a dizeres racistas enraizados na cultura. Ao dar prosseguimento aos seus atendimentos clínicos, Maíra diz:

[...] provavelmente os brancos racistas ririam muito de mim se pudessem me perceber intimamente, veriam que eu saí exatamente como eles esperavam que todos os negros fossem, com um horror a si mesmos (Nogueira, 2021, p. 165).

Sendo assim, o processo de autoestima de Maíra, que permitiria que ela visse a si mesma e as demais pessoas negras como íntegras e dignas de afeto, ainda estava em vias de construção. De modo que esse processo não se daria pelo apagamento ou pela negação de seu corpo negro.

Nesse sentido, tomando o exemplo dessas mulheres, é ainda relevante ressaltarmos como a Psicanálise teve um trajeto na reflexão acerca da importância subjetiva da inscrição psíquica da diferença sexual.

No seu texto de 1931, intitulado *Sexualidade Feminina*, Sigmund Freud (1996) apresentou como o processo de desenvolvimento do Sujeito seria marcado por uma relação que se estabeleceria com a castração e apontou como o processo de tornar-se mulher passaria por um sentimento profundo de falta em relação ao ser homem: “A mulher reconhece o fato de sua castração e, com isso, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas também se revolta contra essa situação desagradável.” (Freud, 1996, p. 291).

Tal falta se construiria, dessa forma, pela ausência do falo, o qual poderia ser entendido como símbolo da completude, mas também como indicador da falta, na qual, em nossa sociedade patriarcal, teria como correspondente anatômico o pênis e, portanto, atribuiria ao sexo biológico feminino uma posição de inferioridade na medida em que o marcaria como incompleto. A relevância dessa inscrição subjetiva se torna nítida ainda em outros relatos de mulheres negras que foram colhidos na tese de Neusa, evidenciando ainda mais o sofrimento provocado por uma constituição atravessada por questões de raça, mas também de gênero:

Me sentia rejeitada nos lugares, não conseguia dar uma palavra. Eu não conseguia nem transar meu estereótipo, minha imagem de mulher maravilhosa. [...]. É como se eu apresentasse uma imagem e não fosse nada daquilo [...]. Eu sentia vergonha de meu corpo (Souza, 2021, p. 74).

Uma tentativa de performar uma imagem de “crioula maravilhosa” (Souza, 2021, p. 72), neste caso, se via como fracassada, na medida em que se produzia ainda a partir das expectativas e delimitações sobre o que “deveria” e “poderia” ser uma mulher negra. Um senso próprio de si, portanto, se encontrava ainda barrado pela disparidade entre seu corpo e tais imposições externas, fomentadas pela colonialidade brasileira. Ademais, a noção de falta produtora de um sentimento de inferioridade é gritante e o que poderia ser sentido como autoestima e autonomia retornava, dessa forma, como um sentimento de atuação, como uma máscara que se utilizava para tentar ser aquilo que não era.

É evidente, no entanto, que aquilo que se acreditava ser não era propriamente uma realidade dada, mas o que se fazia com um discurso que se apresentava como a realidade. E, portanto, no contexto das questões de gênero, ainda é importante rememorar os ensinamentos que Simone de Beauvoir (1980) nos apresenta em sua obra *O segundo sexo*. Segundo ela, a realidade anatômica não é suficientemente relevante para a inscrição psíquica que dá lugar ao gênero e seus efeitos, mas sim as atribuições sociais que são dirigidas à diferença sexual orgânica:

Assim, ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, [Simone] procura desvincular a identidade de gênero da identidade natural. Nós não somos por causa do nosso sexo, mas nos tornamos pelo que nos é ensinado e cobrado, em decorrência do nosso sexo (Passos, 2000, p. 46).

Com isso, torna-se nítido como a própria noção de castração que qualificaria a mulher como faltante teria origem não em um destino biológico, mas em uma organização hierárquica de grupos a qual separaria humanos por marcadores anatômicos.

Do mesmo modo, a obra de Neusa Santos (2021), tendo como temática a questão racial, nos permite refletir ainda mais como o Sujeito, atravessado por palavras e imagens, nunca se constitui a partir de um vazio, mas sempre em uma relação com o Outro, e como é possível intervir em determinada realidade, não a partir de uma busca de conformidade com as “regras postas do jogo”, que está fadada ao fracasso, mesmo no “sucesso”, mas sim a partir de ações que modifiquem as condições de possibilidade que fazem determinada realidade emergir.

Encontram-se pistas, portanto, de como o ideal e a falta se constituem como operações discursivas de subjetivação que, no território brasileiro, segregam simbolicamente corpos por meio de marcadores orgânicos como o fenótipo e a genitália, posicionando-os socialmente de forma subalterna em relação ao grupo dominante tomado como universal. E o processo de resistência, por sua vez, se apresenta como algo que pode ser construído a partir do

desenvolvimento de saberes que desafiem tais operações hegemonicamente efetivadas, permitindo a veiculação e a apropriação de discursos que não atribuam a tais corpos tal posição de inferioridade e desprezo.

Diante desse cenário, é essencial destacar o papel do movimento negro na reconfiguração das condições de possibilidade para a constituição subjetiva da população negra. Como aponta Neusa Santos Souza (2021), a resistência à imposição do Ideal do Eu Branco não se dá de forma individualizada, mas encontra no coletivo a sua maior potência de subversão. É no encontro entre corpos racializados que se possibilita um deslocamento das estruturas psíquicas coloniais, pois o processo de subjetivação não ocorre no vácuo, mas sim na trama relacional.

O aquilombamento, nesse sentido, surge como um vetor fundamental de agência coletiva, no qual o negro se encontra com seus pares e, ao invés de se ver sob a ótica de um outro branco que o reduz à diferença subalterna, passa a constituir novas formas de reconhecimento mútuo. O "aquilombar-se", mais do que um gesto de sobrevivência, configura-se como um movimento ativo de insurgência, uma reapropriação simbólica e material que possibilita ao sujeito negro inscrever-se em um circuito de pertencimento e de elaboração própria.

Como lembra Cida Bento (2022), a branquitude se sustenta enquanto pacto silencioso que estrutura as dinâmicas raciais e mantém a hierarquia de poder. No entanto, o movimento negro age justamente para desestabilizar essa estrutura, tornando visível aquilo que historicamente foi negado: a potência da negritude enquanto força de criação, produção de conhecimento e construção de novas subjetividades. Assim, a luta contra os processos de subjetivação autodestrutivos, impostos por discursos racistas e sexistas, passa necessariamente pela valorização da coletividade como espaço de elaboração de novas narrativas e pertencimentos.

5. Considerações finais

Com isso em mente, a partir da proposição elaborada na obra *Tornar-se negro* (Souza, 2021), é possível enfatizar a herança dos colonizadores sobre os oprimidos, na qual a condição de existência dos corpos negros foi definida com base na diferença para com os corpos brancos, tomados como modelo desejável. E, a partir das figuras antagonistas entre as raças, instaurou-

se, sobre a estrutura psíquica do coletivo subjugado, a criação de um Ideal do Eu distópico, no qual estereótipos, normas e convenções criados pelos dominadores são dilacerantes.

Neusa Santos, assim, revela a necessidade de produzir conhecimentos acerca de tais “imagos fantasmáticas” coloniais presentes no cotidiano brasileiro para se apropriar do discurso sobre si mesmo, de modo a exercer autonomia em meio à sociedade. Apesar da posição do sujeito negro como ativo no movimento contra-hegemônico, os vestígios dominadores mostram-se ainda presentes em indivíduos de raças diversas e, logo, o interesse comum pela arqueologia do poder colonial se faz urgente para a criação de um mundo em que o conceito de raça não seja um fator que separe populações por ideais assimétricos e para que, assim, a autoestima do corpo negro seja possível e afirmada.

Percebe-se, dessa forma, que o sujeito negro, com destaque para as mulheres negras, as quais são marcadas também pela diferença sexual em uma sociedade patriarcal e falocêntrica, tem sua constituição psíquica marcada por um Ideal do Eu embranquecido, o que o mergulha em um discurso imposto pelo branco como ideal a ser atingido, justificando uma luta contra si mesmo para que esse modelo seja alcançado, mediante ações que podem ser destrutivas e incentivem que o corpo seja alterado/ferido/punido por sua inadequação.

Torna-se, portanto, imprescindível olhar para esses processos de subjetivação autodestrutivos que são embasados nos discursos racistas e também sexistas. Isso é necessário para que, através da discussão dentro da coletividade, se possa potencializar um devir outro, desvelando o quanto as condições materiais históricas e as operações discursivas que incidem sobre as minorias, no Brasil, produzem marcas profundas no psiquismo dos sujeitos, inviabilizando uma apropriação possível de sua potência em suas múltiplas dimensões.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 1. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- FREUD, Sigmund. *Sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXI).
- FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas v. 12*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 223-244.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PASSOS, Elizete. O existencialismo e a condição feminina. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (org.). *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Coleção Bahianas, n.5. Salvador, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM; FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000, p. 39-48.

SANTOS, Boaventura de Sousa.; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Pistas sobre la constitución subjetiva de la autoestima de las mujeres negras en el territorio brasileño

Resumen

El presente estudio se propone investigar los efectos del racismo estructural y la herencia colonial en la constitución subjetiva de la población negra en Brasil. A través de esta investigación, se buscó fomentar un conocimiento que contribuya a la posibilidad de una apropiación epistemológica que permita a la población negra construir y asumir un discurso sobre sí misma, promoviendo así la potencia de la negritud. Para ello, se empleó el método de revisión de literatura basado en obras que dialogan con esta problemática. Tomando como referencia central el legado epistémico de Neusa Santos, se analizaron las marcas históricas, éticas y políticas que configuran la emocionalidad y la autoestima de las mujeres negras brasileñas, destacando un escenario en el que el discurso se basa en la tensión entre el Yo y un Ideal Blanco inalcanzable y alienante. En este contexto, se examina el discurso colonial y su papel en la producción de sufrimiento en un grupo social específico, imponiendo una posición de “no lugar” o diferencia asimétrica, reforzando una estructura que enfatiza la supremacía blanca y manteniendo una dinámica social en la que muchos cargan con los costos mientras que otros reciben los beneficios.

Palabras claves: Autoestima; Feminidad; Psicoanálisis; Negritud; Decolonialidad.

Pistes sur la constitution subjective de l'estime de soi des femmes noires sur le territoire brésilien

Résumé

La présente étude propose d'examiner les effets du racisme structurel et de l'héritage colonial sur la constitution subjective de la population noire au Brésil. À travers cette investigation, il s'est agi de favoriser un savoir contribuant à la possibilité d'une appropriation épistémologique permettant aux Noirs de construire et d'assumer un discours sur eux-mêmes, favorisant ainsi la puissance de la négritude. Pour ce faire, une revue de la littérature a été menée à partir d'ouvrages traitant de cette problématique. Prenant comme référence centrale l'héritage épistémique de Neusa Santos, ont été analysées les marques historiques, éthiques et politiques qui façonnent l'émotionalité et l'estime de soi des femmes noires brésiliennes, mettant en lumière un contexte où le discours s'ancre dans la tension entre le Moi et un Idéal Blanc inatteignable et aliénant. Dans ce cadre, le discours colonial et son rôle dans la production de souffrance au sein d'un groupe social déterminé sont analysés, imposant une position de « non-lieu » ou de différence asymétrique, renforçant une structure qui met en exergue la suprématie blanche et perpétuant une dynamique sociale où certains en subissent les coûts tandis que d'autres en récoltent les bénéfices.

Mots-clés: Estime de soi ; Féminité ; Psychanalyse ; Négritude ; Décolonialité.

Clues about the subjective constitution of Black women's self-esteem in the Brazilian territory

Abstract

The present study aims to investigate the effects of structural racism and colonial heritage on the subjective constitution of the Black population in Brazil. Through this investigation, the goal was to foster knowledge that contributes to the possibility of an epistemological appropriation allowing Black individuals to construct and assume a discourse about themselves, thus fostering the power of Blackness. To this end, a literature review method was employed, focusing on works that engage with the issue in question. Taking Neusa Santos's epistemic legacy as a central reference, historical, ethical, and political marks shaping the emotionality and self-esteem of Black Brazilian women were analyzed, highlighting a scenario in which discourse is rooted in the tension between the Self and an unattainable and distressing White Ideal. In this context, the colonial discourse and its role in producing suffering in a specific social group are examined, imposing a position of "non-place" or asymmetric difference, reinforcing a structure that emphasizes white supremacy and sustaining a social dynamic in which burdens are imposed on many while benefits are reserved for others.

Keywords: Self-Esteem; Femininity; Psychoanalysis; Blackness; Decoloniality.